

José Saramago

Os  
Poemas  
Possíveis

## Nota da 2.<sup>a</sup> edição

*Aparece esta edição de Os Poemas Possíveis dezasseis anos depois da primeira. Não é assim tanto, comparando com os dezasseis séculos que sinto ter juntado à minha idade de então. Pode-se perguntar se estes versos (palavra hoje pouco usada, mas competente para o caso) merecem segunda oportunidade, ou se a não ficaram devendo a porventura mais cabais demonstrações do autor no território da ficção. Se, enfim, estaremos observando um simples e nada raro fenómeno de aproveitamento editorial, mera estratégia daquilo a que costuma chamar-se política de autores, ou se, pelo contrário, foi a constante poética do trabalho deste que legitimou a ressuscitação do livro, porque nele teriam começado a definir-se nexos, temas e obsessões que viriam a ser a coluna vertebral, estruturalmente invariável, de um corpo literário em mudança. Aceitemos a última hipótese, única que poderá tornar plausível, primeiro, e justificar, depois, este regresso poético.*

*Poesia datada? Sem dúvida. Toda a criação cultural há de ter logo a sua data, a que lhe é imposta pelo tempo que a produz. Mas outras datas leva sempre também, anteriores, as dos materiais herdados – quantas vezes importunamente dominantes –, e, de longe em longe, aquela impalpável data ainda por vir, aquele sentir, aquele ver e experimentar só futuro ainda. Porém, essas entrevisões são coisa apenas para génios, e, obviamente, não é deles que se trata aqui.*

*Poesia do dia passado, da hora tarda, poesia não futurante. E contra isto não haveria remédio. Salvo tentar trazê-la até ao seu autor, hoje, por cima de dezasseis anos e dezasseis séculos. Assim foi feito, e esta edição aparece não só revista, mas emendada também. Quase tudo nela é dito de maneira diferente, diferente é muito do que por outra maneira se diz, e não faltaram ocasiões para contrariar radicalmente o que antes fora escrito. Mas nenhum poema foi retirado, nenhum acrescentado. É então outro livro? É ainda o mesmo? Eu diria (e com este re-mate me dou por explicado) que o romancista de hoje decidiu raspar com unha seca e irónica o poeta de ontem, lacrimal às vezes. Ou, para usar expressões menos metafóricas, procurou tornar Os Poemas Possíveis possíveis outra vez. Ao menos.*

JOSÉ SARAMAGO

*janeiro de 1982*

*Demos tiempo al tiempo:  
para que ele vaso rebose  
hay que llenarlo primero.*

ANTONIO MACHADO

**Até ao sabugo**

# Até ao sabugo

Dirão outros, em verso, outras razões,  
Quem sabe se mais úteis, mais urgentes.  
Deste, cá, não mudou a natureza,  
Suspensa entre duas negações.  
Agora, inventar arte e maneira  
De juntar o acaso e a certeza,  
Leve nisso, ou não leve, a vida inteira.

Assim como quem rói as unhas rentes.

## Arte poética

Vem de quê o poema? De quanto serve  
A traçar a esquadria da semente:  
Flor ou erva, floresta e fruto.  
Mas avançar um pé não é fazer jornada,  
Nem pintura será a cor que não se inscreve  
Em acerto rigoroso e harmonia.  
Amor, se o há, com pouco se conforma  
Se, por lazes de alma acompanhada,  
Do corpo lhe bastar a presciência.

Não se esquece o poema, não se adia,  
Se o corpo da palavra for moldado  
Em ritmo, segurança e consciência.

# Processo

As palavras mais simples, mais comuns,  
As de trazer por casa e dar de troco,  
Em língua doutro mundo se convertem:  
Basta que, de sol, os olhos do poeta,  
Rasando, as iluminem.

# Programa

No esforço do nascer está o final,  
Na raiva de crescer se continua,  
Na prova de viver azeda o sal,  
Na cava do amor sua e tressua.  
Remédio, só morrendo: bom sinal.

## «Se não tenho outra voz...»

Se não tenho outra voz que me desdobre  
Em ecos doutros sons este silêncio,  
É falar, ir falando, até que sobre  
A palavra escondida do que penso.

É dizê-la, quebrado, entre desvios  
De flecha que a si mesma se envenena,  
Ou mar alto coalhado de navios  
Onde o braço afogado nos acena.

É forçar para o fundo uma raiz  
Quando a pedra cabal corta caminho,  
É lançar para cima quanto diz  
Que mais árvore é o tronco mais sozinho.

Ela dirá, palavra descoberta,  
Os ditos do costume de viver:  
Esta hora que aperta e desaperta,  
O não ver, o não ter, o quase ser.

# Balança

Com pesos duvidosos me sujeito  
À balança até hoje recusada.  
É tempo de saber o que mais vale:  
Se julgar, assistir, ou ser julgado.  
Ponho no prato raso quanto sou,  
Matérias, outras não, que me fizeram,  
O sonho fugidiço, o desespero  
De prender violento ou descuidar  
A sombra que me vai medindo os dias;  
Ponho a vida tão pouca, o ruim corpo,  
Traições naturais e relutâncias,  
Ponho o que há de amor, a sua urgência,  
O gosto de passar entre as estrelas,  
A certeza de ser que só teria  
Se viesses pesar-me, poesia.